

PARQUES PÚBLICOS, SOCIABILIDADES URBANAS E POLÍTICAS DE LAZER

Edson Bertuol Trentini
Maitê Venuto

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender formas de sociabilidade que caracterizam dois parques da cidade de Porto Alegre – parque Alim Pedro e parque Mascarenhas de Moraes -, suas relações com as políticas públicas e com o contexto urbano. Através de observações, diários de campo, entrevistas e utilização da literatura foi possível perceber que diferenças históricas, culturais, socioeconômicas e administrativas interferem nos tipos de sociabilidade presentes nos locais.

Palavras chaves: sociabilidade, políticas públicas, parques.

ABSTRACT

This work seeks to understand the forms of sociability that characterize two parks of the city of Porto Alegre – Alim Pedro Park and Mascarenhas de Moraes Park -, their relations with public policies and the urban context. Through observations, field diaries, interviews and the use of literature it was possible to perceive that historical, cultural, socioeconomic and administrative differences interfere in the kinds of sociability presented in the areas.

Key Words: sociability, public policies, parks

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo comprender formas de sociabilidad que caracterizan dos parques de la ciudad de Porto Alegre - parque Alim Pedro y parque Mascarenhas de Moraes-, sus relaciones con las políticas públicas y con el contexto urbano. A través de observaciones, diarios de campo, entrevistas y utilización de la literatura fue posible percibir que diferencias históricas, culturales, socioeconômicas y administrativas interfieren en los tipos de sociabilidad presente en los locales.

Palabras-claves: sociabilidad, políticas públicas, parques.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do pressuposto de que, apesar do lazer ser ainda tratado como uma parte *não séria* da vida, muitas evidências levam a considerar a sua relevância para a vida social das populações. Sendo áreas de encontros, de desencontros, de reencontros, de conflitos e de negociações, tanto lugares para ficar, como pontos de passagem, que mesmo sendo parcialmente planejados, são também parcialmente aleatórios, os espaços públicos de lazer põe em evidência uma diversidade de expressões e os mais diversos tipos de usos individuais e coletivos.

Esta heterogeneidade reforça a centralidade que adquiriram estes espaços enquanto lugares importantes no que se refere à constituição da vida urbana, o que se evidencia na fala, hoje comum, tanto de governantes, quanto da população das cidades. Expressões como “qualificação dos espaços”, “democratização dos espaços”, “espaços verdes”, “espaços de lazer”, mesmo que possam fazer parte de um modismo lingüístico pouco esclarecedor, como aponta Rossari (1990), ao contrário de lhes retirar a importância, significam que alguma coisa a eles está incorporada, enquanto forma de ser e de estar do corpo social, o que, por si só, sugere aos estudiosos uma observação atenta.

Com este olhar, mesmo que se esteja falando de *espaço*, o termo *lugar* parece mais adequado. Sustentando-se no pensamento de Tuan (1983), Rossari (1990) considera que - em se tratando da atividade humana - a palavra *lugar* é um conceito social mais esclarecedor do que *espaço* por se aproximar mais do conteúdo social subjacente à idéia de *espaço existencial*, ou seja, um espaço carregado de significados. Nessa perspectiva, à medida em que o espaço adquire definição e significado, ele transforma-se em lugar, sendo “instância definida pelo sentimento, pela experiência íntima, bem como pelos sentidos (visão, tato, cinestesia, olfato) carregados de afetividade” (Rossari, 1990: 51). Esta *noção social da espacialidade*, também está presente na constituição do conceito de *pedaço* utilizado por Magnani (1984, Festa no Pedaço) - ela que se relaciona a um espaço intermediário entre a casa¹ e a rua², onde as pessoas se reconhecem como partes de um mesmo espaço existencial.

Na busca de compreender aspectos dessa dimensão social da espacialidade no que se refere aos espaços públicos das cidades, nos propusemos a investigar as relações de sociabilidade que se estabelecem em dois espaços públicos diferentes: um cuja forma de utilização acontecia, quase que exclusivamente, aos sábados e domingos à tarde e a partir de pequenos grupos de 3 a 4 pessoas, na maior parte famílias e/ou vizinhos muito próximos; e outro apropriado e utilizado pela população durante toda a semana e com base em relações de sociabilidade muito intensa, muitas delas por grupos de convivência que existem há muitos anos.

Isto nos levou a pensar sobre aspectos que interferem ou podem vir a interferir na construção destas relações e nos remeteu a várias perguntas: como se dão, em diferentes parques da cidade, as relações de utilização destes espaços públicos? Porque alguns parques são utilizados essencialmente nos fins de semana, enquanto outros têm a sua utilização em diferentes dias e horários da semana? Porque, em alguns parques, são identificadas relações próximas entre as pessoas, que os utilizam a ponto de ser possível identificá-los como um “pedaço” (Magnani, 1984), enquanto em outros essas relações existem, mas são - em grande medida - estabelecidas “no anonimato” (Stigger, 2002)? Acreditando que um estudo como este pode oferecer elementos para o desenvolvimento de políticas públicas de lazer, perguntamos também: como as ações das políticas públicas interferem ou podem interferir na forma de utilização destes espaços? O que a população espera das políticas públicas, sobre estes aspectos?

A busca das respostas nos levou a desenvolver uma pesquisa sustentada por relatos obtidos em entrevistas semi-estruturadas, realizadas com freqüentadores de dois parques da cidade, o Parque Humaitá e no Parque Alim Pedro. Nestes locais, entrevistamos usuários e profissionais que neles atuam há diversos anos: no Parque Humaitá entrevistamos a professora de educação física que atua no local e mora no bairro há 18 anos, um dos funcionários da manutenção, que também é freqüentador do

¹ Espaço da intimidade e do privado.

² Espaço do anonimato e do público.

local e dois freqüentadores que têm presença sistemática no parque; no Parque Alim Pedro entrevistamos 3 usuários bastante assíduos e a coordenadora das atividades da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), que atua no local. Além destas informações e de dados obtidos a partir de observações diretas, registradas em diários de campo, buscamos elementos para responder às perguntas formuladas, na análise de material documental da SME (disponíveis em *sites* desta entidade governamental) e em outros materiais (pesquisas) acerca do tema.

Os parques Humaitá e Alim Pedro: aspectos históricos e características

O parque Mascarenhas de Moraes faz parte do bairro Humaitá, um bairro que tem 10.470 habitantes, distribuídos em uma área de 417 hectares³. Localizado numa área identificada pela grande presença de indústrias, ele é constituído por aproximadamente 18 hectares de área, onde habitam muitas espécies da flora e fauna da região; do seu total, 6 hectares são considerados reserva ecológica, o que é uma das suas características, conforme apontam os seus gestores e freqüentadores⁴. As suas extremidades são avizinhas por conjuntos de blocos de apartamentos, nas suas laterais estão localizadas, lado a lado, diversas empresas do âmbito industrial. Além da população dos blocos de apartamento, também são identificados como freqüentadores do parque, um conjunto de pessoas advindas de vilas próximas. As expressões “vilas” e “blocos” foram repetidas por mais de um deles, como denominações distintivas das populações locais: “uns moram aqui no Humaitá mesmo e outros moram na vila” (Fernando); “eles eram um grupo só dos blocos aqui, não tinha o pessoal da vila” (Clara).

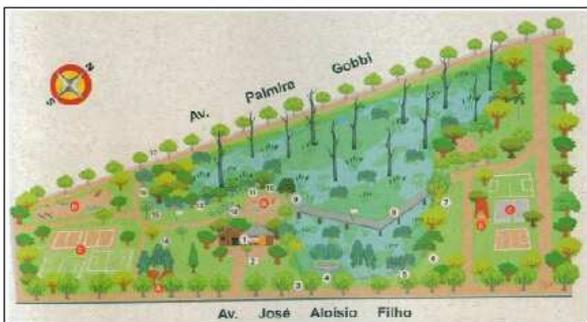


Figura 1⁵



Figura 2⁶

Sob o ponto de vista administrativo, o parque é dirigido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), contando ainda com a presença de uma

³ Censo de 2000 (encontrado em www.parquehumaita.com.br)

⁴ Nas entrevistas e em conversas informais realizadas no local, sistematicamente apareceram comentários vinculados à dimensão *ecológica* que o parque representa.

⁵ Fonte: www.parquehumaita.com.br

⁶ Fonte: google earth

professora da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME), que administra o campo de futebol e oferece atividades de ginástica.

O outro parque estudado, o Parque Alim Pedro, foi construído na década de 40 e faz parte do projeto de criação do Conjunto Habitacional IAPI, que neste período foi planejado para moradia da população operária. Por possuir singularidades na sua arquitetura e uma história cultural expressiva⁷, o IAPI⁸ é considerado patrimônio arquitetônico e cultural da cidade (Lapoli, 2006; Derois, 2004). Situado na zona norte de Porto Alegre no bairro Passo da Areia, o parque Alim Pedro foi destinado às práticas esportivas e de lazer dos moradores do conjunto habitacional.

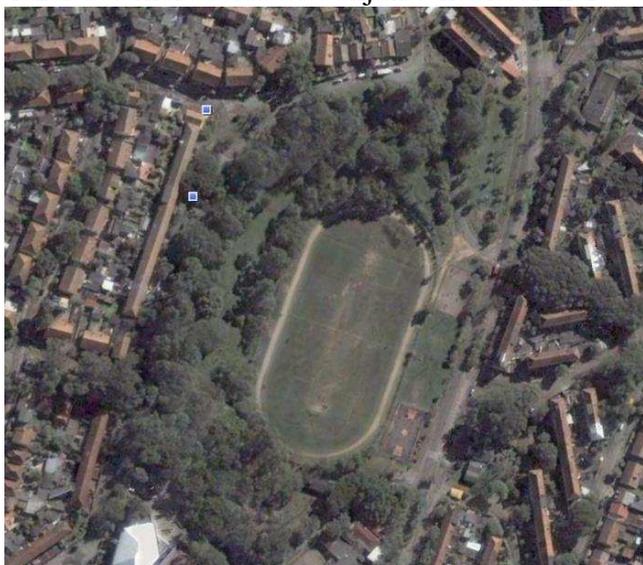


Figura 3⁹

A administração do Parque Alim Pedro está vinculada à Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME). No local, a SME promove diversas atividades, além de servir de espaço para a realização de atividades autonomamente organizadas por moradores do bairro.

Lazer e vida comunitária

Com essa configuração e características, ambos os parques são identificados, pela população, como espaços importantes das comunidades do seu entorno. Um olhar atento nos levou a perceber muitas diferenças entre os dois locais, o que foi identificado logo nas primeiras observações. Enquanto o parque Humaitá se caracteriza pela presença de frequentadores principalmente nos sábados e domingos à tarde, o Alim Pedro mantém uma constante presença de pessoas, em diferentes dias e horários da semana e fim de semana. Esta diferença quanto ao uso dos espaços, também aparece no que se refere à sua apropriação, em especial por grupos de pessoas presentes em atividades coletivas e auto organizadas.

⁷ Entre outros aspectos que expressam um sentimento de pertencimento ao bairro, as pessoas com quem se tem contato sempre destacam o reconhecimento nacional da cantora Elis Regina e do grupo Liverpool, ambos originários do IAPI; numa das ruas do bairro, vizinha ao parque, há uma pequena praça e um recanto (placa alusiva) em homenagem à Elis Regina.

⁸ Como é tratado pela população local.

⁹ Fonte: google earth.

Sobre o parque Alim Pedro, os informantes relatam: “o futebol à tardinha é todos os dias” (César); “fim da tarde sempre está cheio o campo” (Rosane); “tem dias que tem 50, 60, 70, uns jogando bocha e carta à moda deles” (Solange). As observações dos pesquisadores identificaram o parque Alim Pedro como um evidente espaço de sociabilidade urbana, onde pessoas de todas as idades circulam e se relacionam. E mais do que estarem no mesmo lugar, os usuários se reconhecem como parte dele, como expressa Cezar:

Aqui todo mundo se conhece (...) aquele que está na bocha lá, aquele senhor que está na bocha lá, ele conhece o outro que está jogando bola lá na outra ponta, se não conhece o guri que está jogando lá conhece ou se dá com o pai dele (...) ou jogou bocha com o avô dele, ou joga futebol (...); *sempre tem uma ligação*¹⁰.

Depoimentos como esse retratam a forma como vêm se estabelecendo as relações de sociabilidade naquele lugar. As palavras de César - inclusive incorporando os usuários de drogas que também estão, sistematicamente, no local¹¹ - descrevem o que Magnani (2000) denominaria de relações no “pedaço”, um espaço existencial onde são reforçados “os laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, ‘chegados’” (p. 33).

Já o Parque Humaitá foi identificado como um espaço onde as relações sociais são mais distantes e, mesmo “no anonimato” (Stigger, 2002), no sentido de serem isoladas (pessoas caminhando e/ou correndo, sozinhas, ao redor do parque) e/ou restritas a pequenos grupos que não estabelecem contatos com outros. No local, chamou-nos atenção a quantidade de pessoas e pequenos grupos isolados que freqüentam o parque e o fato de que pessoas que moram nos condomínios, que se localizam nas suas extremidades, pouco sabem sobre o que acontece *do outro lado*.

Estas relações que - comparadas com as que ocorrem no parque Alim Pedro - se mostram distantes, também aparecem a partir de distinções econômicas e as suas repercussões no âmbito das relações sociais. Nos referimos aqui ao que já relatamos anteriormente: o espaço social do bairro e do parque é delimitado fortemente entre “as vilas” e “os blocos”. É isto que expressa Clara ao dizer que “os blocos interagem com os blocos, a vila com a vila (...)”. Palmira nos dá um relato que ajuda a entender como esta divisão se deu, historicamente. Moradora dos blocos e líder de diversos movimentos que se mostraram interessados pelas melhorias do bairro, ela nos deu o seguinte depoimento:

Nós dizíamos para eles [os moradores das vilas] que (...) o parque é do Humaitá; (...) o parque é da comunidade, não interessa se é a vila x, se é a vila preta, a vila branca, amarela, rica, ela é de toda uma comunidade; isso foi muito ruim na época para a gente fazer as pessoas criarem raízes dentro do parque, criar raiz era só do Humaitá, só dos prédios. As vilas pareciam que eram abandonadas, porque eles faziam isso (...) já

¹⁰ Grifo nosso

¹¹ Os pesquisadores observaram o uso cotidiano de maconha no local, por parte de grupos de jovens que o fazem *discretamente*. Foi percebido, também, que este fato acontece sem que pareça causar constrangimentos aos demais presentes. Mais de um dos entrevistados se referiu a estes freqüentadores de forma semelhante à de Cezar.

está mudando graças a Deus, mas de primeiro era só o parque, os moradores do Humaitá mandavam, eram eles que mandavam aqui.

Este relato vai ao encontro dos achados de Stigger (1992) que, pesquisa desenvolvida em 1991, entrevistou o presidente da Associação de Moradores do Bairro Humaitá à época e percebeu a mesma divisão. Quando perguntado sobre “quem deveria decidir sobre as coisas do parque”, o líder comunitário (e morador de um dos blocos) defendeu a idéia de que o poder de decisão sobre *as coisas do parque* deveria ser apenas dos proprietários dos apartamentos e não daqueles provenientes das vilas. Conforme pudemos perceber, posições distintivas como esta ainda persistem, o que foi relatado pela coordenadora do parque (a agrônoma Sandra) e confirmado pela professora de educação física (da SME) que atua no local.

As políticas de lazer

Segundo um freqüentador do Parque Alim Pedro, a administração do parque (SME) “agita” inúmeras atividades no local. Conforme o relato da coordenadora do parque, existe um planejamento administrativo no que diz respeito às atividades que são oferecidas a comunidade. Com uma grande preocupação de que os espaços não sejam privatizados e que não se percam as “rédeas” da administração, há um empenho em manter a legitimidade do poder público de forma que os espaços do parque sejam utilizados por todos. O mesmo discurso que ouvimos da administradora também percebemos nos relatos dos freqüentadores do parque, fato que nos ajudou a pensar que a gestão do Alim Pedro é legitimada porque existe uma justificativa interna para que as “leis” do parque sejam incorporadas pelos seus freqüentadores. Quando César se refere ao papel dos professores dentro do parque em relação às disputas por espaços, observamos que vai ao encontro da fala da gestora quando se refere a função dela e dos demais professores enquanto representantes administrativos do governo municipal: “acho que cada um tem um papel aqui dentro e eu não vejo dar briga por causa do campo, por causa das canchas, eu não vejo, caso acontecer isso a professora Solange está aí para resolver... os professores”.

Essa legitimidade que foi adquirida pela prefeitura se vincula a um serviço que parece estar de acordo com o que a população espera que ocorra: “eu acho que é bom, [o parque] está sempre limpinho” (Valter); “eu largo o meu filho para jogar bola aqui, eu largo e daqui um pouco venho buscar, depois no final do treino e não me preocupo porque eu sei que ele está bem assistido aqui” (César);

Diferente do que se percebe no Parque Alim Pedro, o Humaitá vem se configurando como um espaço onde o caráter *ecológico* se evidencia mais do que o social. Mais do que as relações sociais entre os freqüentadores, o que chamou atenção dos observadores é a exuberância *natural* daquele local, assim como a sua manutenção no que se refere à jardinagem. Assim, se por um lado, é a ação da SMAM que lá se evidencia, por outro, a da SME parece pouco presente. Conforme relatos obtidos, a maioria das atividades que acontecem no parque Humaitá são auto-organizadas e desenvolvidas por pequenos grupos sem a interferência da administração do parque: “(...) falta só a comunicação assim, mais de saber mesmo quem vem, quem freqüenta, de onde são” (Fernando, freqüentador do Parque Humaitá). Por outro lado, a professora da SME afirma que “sempre que se propõe um trabalho tem gente”; mas, ao mesmo tempo diz que lá “não tem um professor para estimular a vinda”.

Esta afirmativa, que coloca também no poder público a responsabilidade de incentivar a presença das pessoas nos parques, leva a pensar sobre as razões das diferenças entre os dois locais. Sobre isso, as observações realizadas nos mostraram que: enquanto no parque Alim Pedro as atividades são proporcionadas por uma equipe da SME composta por mais de 4 pessoas, no Humaitá a professora Clara atua sozinha.

A partir dessas considerações, podemos levantar a hipótese de que as diferenças quanto à frequência e características dos dois locais se vinculam, também, à forma como o Estado neles atua. Percebe-se que em cada um dos locais prevalece uma política, vinculada às especificidades de cada Secretaria, o que faz com que os parques se configurem de maneira distinta: um como espaço de atividades, eventos e uma vida social bastante intensa; e o outro como espaço natural, de preservação ambiental e de lazer contemplativo. Não podemos afirmar que os parques não tenham características em comum, como constituírem-se espaços vinculados ao lazer e às atividades físicas da população, porém cada um possui características que lhe são peculiares e que acabam configurando seus papéis dentro das comunidades.

Algumas considerações finais

Como já foi referido no início deste texto, não há dúvidas de que os parques públicos das cidades são, reconhecidamente, importantes espaços de sociabilidade da população urbana. Mas também percebendo que isto não acontece sempre da mesma forma, buscamos elementos que ajudassem a compreender alguns fatores que interferem ou podem vir a interferir na construção nas relações de sociabilidade que ocorrem (ou podem ocorrer) em diferentes espaços públicos das cidades. Com esse objetivo e percebendo diferenças bastante evidentes, entre as dinâmicas sociais existentes nos parques Humaitá e Alim Pedro, buscamos compreendê-las com base em dados obtidos em observações *de campo* e entrevistas semi-estruturadas realizadas com frequentadores dos dois locais.

De acordo com as análises e interpretações apresentadas acima, as diferentes configurações locais se constituem em aspectos que interferem – em diferentes âmbitos - na forma como cada um dos parques públicos estudados vem sendo apropriado pela população; nesse contexto, identificamos que a presença do Estado, através das suas políticas públicas, pode ter um papel importante enquanto dinamizador desses locais.

Referências Bibliográficas

DEROIS, Rafael. *Primeiros Passos na “Vila do IAPI”: Introdução a um Estudo Etnográfico das Práticas Cotidianas de um Bairro de Porto Alegre*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2005-14-primeiros-passos-iapi.pdf>>. Acesso em: nov. 2008.

FEIX, Eneida. *Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: institucionalização da recreação pública*. 2003. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2781/000376336.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: mar. 2009.

LAPOLLI, André. *Como Destruir um Patrimônio Cultural Urbano: A Vila do IAPI, “Crônica de Uma Morte Anunciada”!* 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10269/000592983.pdf?sequence=1>> . Acesso em: dez. 2008

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco - Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Portal de Produtos e Serviços do Bairro Parque Humaitá. Disponível em: <www.parquehumaita.com.br>. Acesso em: dez. 2008.

ROSSARI, Tânia Torres. *Lá não tem Bagaceiro – Shopping-center Iguatemi de Porto Alegre: o significado de um espaço coletivo como indicador de identidade social*. 1990. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

STIGGER, Marco Paulo. *Administração de Parques Públicos e Democracia: um estudo de caso na área de políticas públicas para o lazer numa perspectiva democrática*. 1992. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.

STIGGER, Marco Paulo. *Esporte, Lazer e Estilos de Vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

Autor Edson Bertuol Trentini

Endereço: Rua Cassio de Medeiros nº760 Ap.316, Porto Alegre-RS

e-mail: edbertuol@gmail.com

Co-autora Maitê Venuto de Freitas

Endereço: Rua Anita Garibaldi nº1786 Ap.215, Porto Alegre-RS

e-mail: venutodef Freitas@gmail.com